

FONTES FRANCISCANAS

III

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

VOLUME III



ISBN: 972 - 9190 - 91 - 7
Depósito legal: 106221/96

Composição e impressão nas Oficinas Gráficas
da Editorial Franciscana
email: edfranciscana@mail.telepac.pt

BRAGA – 1996

FONTES FRANCISCANAS

III

Santo António de Lisboa

Documentos — Biografias — Sermões

Volume III

Editorial Franciscana
Braga – 1995-1996

APRESENTAÇÃO

No 8º Centenário do Nascimento de Santo António de Lisboa, depositamos nas mãos do público da língua portuguesa esta obra, há muito desejada.

Depois da Legenda “ Assidua “ e das que se lhe seguiram na Idade Média, muito se escreveu sobre o santo lisbonense, nomeadamente, a partir do século XVI, tanto em Portugal como no estrangeiro, porém, as obras vindas a lume, desde então até ao alvorecer de 1900, por repetitivas e mesmo, em numerosas, acrecidas de casos maravilhosos que a fantasia dos seus autores e, quiçá, a devoção popular, atribuíram ao incomparável Taumaturgo da Itália, França e Portugal, mereceram acre censura, entre outros, de Afonso Lopes Vieira, quando, em 1932, deu à estampa o seu “Santo António - Jornada do Centenário”.

Ultimamente e afortunadamente, a Crítica-histórica dedicou-se ao Santo com incontáveis estudos, assinados, dentre tantos, por Albert Lepitre, L. de Kerval, G. Benvenuti, A. Callebaut, G. Cantini, F. Delorme, V. Gamboso, Aloísio Gonçalves, Félix Lopes, Gama Caeiro, Pinto Rema, Cândida Pacheco e quantos trabalharam no Congresso Internacional “ Pensamento e Testemunho, celebrado, durante as Comemorações Antonianas, no Porto, Coimbra e Lisboa, de 25 a 30 de Setembro de 1995.

Nesta edição, damos a versão portuguesa das nove primeiras Fontes Agiográficas (séc. XIII-XIV) a fim de aperfeiçoarmos a imagem histórica do glorioso Taumaturgo, e também, a dos seus Sermões Dominicais e Festivos, que temos como a mais lídima “radiografia” de António de Lisboa, com a sua abundante e profunda Ciência Teológica e Mística ao serviço dos homens, quando perdóados pelos labirintos escuros do erro e do mal.

Neste III volume oferecemos a Legenda Rigaldina, e o Livro dos Milagres ou as Florinhas do Santo.

Em outro lugar, neste III volume, a tradução portuguesa dos seus Sermões Festivos, Marianos e os Domingos do Advento até ao 4º Domingo da Epifania

Uma palavra final de homenagem e gratidão aos Tradutores das Legendas, à prestigiada Editorial Franciscana e a quantos devota e generosamente colaboraram nesta publicação, com relevo mui particular, ao conceituado antonianista dos nossos dias, Frei Henrique Pinto Rema, OFM, a quem devemos a quase totalidade das Introduções às Fontes e a tradução dos Sermões do proclamado pelo Santo Padre Pio XII “Doutor Evangélico” em 16 de Janeiro de 1946.

À glória e louvor de Deus Altíssimo no Seu e nosso Santo António de Lisboa, de Pádua e de “ todo o mundo”.

Porto, 13 de Junho de 1996

*Frei António de Almeida Pinho, OFM
(Presidente da Comissão Franciscana do Centenário)*

VIII

LEGENDA RIGALDINA

por

Frei João Rigauld, OFM

(fim séc. XIII / início séc. XIV)

Introdução: *Frei Henrique Pinto Rema, OFM*

Tradução: *Frei Fernando César Moutinho, OFM*

Título original:

VITA BEATI ANTONII DE ORDINE FRATRUM MINORUM

seu

LEGENDA RIGALDINA

fratre Johanne Rigaldi o. Min. auctore
(saec. XIII / ex. vel XIV / in.)

INTRODUÇÃO

O nome da Legenda tira o nome do seu Autor Frei João Rigauld, de Limoges, que a terá escrito entre 1298, ano em que foi eleito Ministro Provincial e 1317, data da sua nomeação para Bispo de Tréguier. Morreu em 1323.

Quando entrou na Ordem, ainda viviam frades que tinham conhecido pessoalmente Santo António. Do testemunho desses frades se serve para preencher a lacuna da Assidua relativa ao trabalho apostólico do Taumaturgo no Sul da França, escrevendo mais uma Vita beati Antonii, além de outras obras menos conhecidas.

Em primeiro lugar, como Rigauld anuncia no prólogo, a Legenda destina-se a manifestar a devoção que tem pelo Santo e tirar do esquecimento as memórias limosinas respeitantes a Santo António. Não obstante as novidades colhidas na tradição de Limoges, não gozou, na época, de grande expansão na parte propriamente biográfica. Teve mais êxito nos extractos que dela fizeram, muito em especial os milagres em vida e depois da morte, lidos no “codex burdegalensis”, no “Speculum sanctorale” de Bernardo de Guy (séc.XIV), na “Chronica XXIV Generalium”, na “Vida, doutrina e gloriosas obras do Padre Santo Antonio de Padua”, de Frei Marcos de Lisboa.

A dependência maior, na parte biográfica, é da Legenda de Frei Juliano de Espira. Utiliza também a Legenda Maior de São Boaventura, um opúsculo desaparecido de Frei Pedro Raymond de Saint Romain, a Bula de Canonização e outras fontes.

A Legenda Rigaldina sobressai no realce dado ao maravilhoso antoniano, comprazendo-se em referir muitos milagres feitos em vida: envenenamento do Santo sem consequências; recuperação do pé do rapaz, depois de o ter cortado por com ele ter ferido a mãe; a pregação a peixes “perto de Pádua”; o cavalo que adorou a Eucarista (não diz onde); a conversão de doze ladrões; a

afogada de Santarém. Faz-se eco das tradições limosinas, entre elas, a abertura dum “convento”, em Brive, a conversão do Arcebispo de Bourges e muitos milagres.

“Enquanto que as legendas anteriores, incompletas e desproporcionadas, não tratam em pormenor senão do primeiro período da vida do Taumaturgo, da sua morte e sepultura, a obra de João Rigauld abrange quase toda a sua história, dando especial ênfase aos acontecimentos que marcaram a sua presença em solo francês” (Léon de Kerval).

Se podemos acreditar na sinceridade do Autor, já podemos discutir a exactidão histórica do que escreve. “As vidas dos santos são documentos espirituais mais do que fontes históricas. A agiografia é uma espécie de exegese da santidade: o que é importante nas acções de um santo não são as datas, as circunstâncias, os dados históricos; são, sim, as lições que deles se tiram e o seu significado prático para o leitor” (J. Leclerck). Os milagres praticados em vida baseiam-se em testemunhos vagos e incontroláveis, mais da tradição popular do que da tradição histórica. De qualquer maneira, “o milagre mais estupendo do Taumaturgo é ele próprio” (V. Gamboso).

“Enquanto no século de Duzentos, da Assidua à Raymundina, nos fazem do Santo um retrato de exemplar sobriedade, em que dominam uma estrénuia interioridade, uma estupenda dedicação à actividade apostólica da pregação e do ensino teológico, com a Rigaldina assiste-se a uma viragem nítida para o culto do maravilhoso, mediante o qual Santo António se torna, antes de mais, o Taumaturgo” (V. Gamboso).

Chegou até nós indemne um só manuscrito da Legenda Rigaldina. Guarda-se em Bordéus. O Liber Miraculorum divulgou alguns extractos. No fim do século passado, exactamente em 1899, Ferdinand-Marie d’Araules, também conhecido por Delorme, publica a edição “princeps” em latim e na tradução francesa. Filipe Conconi deu de novo à estampa o texto da Rigaldina. Por ser esgotado rapidamente, fez-se uma segunda impressão em 1931. José Abate preparou mais uma edição em 1970. Aquela que serviu de original para a tradução portuguesa é a de Vergílio Gamboso, publicada em 1992 pelas Edizioni Messaggero Padova.

PRÓLOGO

1. Nos dias em que Deus começou a iluminar o mundo com os ensinamentos e exemplos de Francisco, porta-bandeira de Cristo, houve um homem de vida venerável, adornado de virtudes e graça, que primeiramente, sob a Regra dos Cónegos Regrantes, se chamou Fernando, conforme lhe fora dado o nome no sagrado banho do baptismo; depois, sob a Regra dos Frades Menores, chamou-se António. Em ambos estes estados foi abundantemente irrigado com o orvalho da divina graça, como se pode concluir da narração da sua Vida.

2. Enquanto S. António residiu na Custódia de Limoges foi nomeado Custódio e nessa ocasião Deus dignou-se operar por meio dele alguns milagres de que eu, desde que entrei na Ordem, tomei conhecimento mediante seguro testemunho de frades de comprovada virtude, mas que não encontrei inseridos na sua Vida.

3. Por isso, levado, não por presunção, mas pela devoção ao Santo, quis pô-los por ordem para que juntos não se perdessem e pouco a pouco desaparecessem da memória dos frades; demais disso, para estimular a inteligência dos ouvintes a uma profunda veneração para com o Santo.

4. Porém, para mais facilmente serem encontrados os assuntos que vão ser expostos com a devida ordem, dispus esta Vida em dez breves secções ou capítulos.

5. No primeiro capítulo, falar-se-á do seu procedimento enquanto viveu no mundo.

6. No segundo, do seu comportamento entre os Cónegos Regrantes.

7. No terceiro, dos motivos que o levaram a entrar na Ordem dos Frades Menores.

8. No quarto, da mudança de nome e de como foi para a terra dos infiéis.

9. No quinto, da sua admirável humildade e das complacências divinas a seu respeito.

10. No sexto, da sua extrema pobreza e de como Deus supria admiravelmente as suas necessidades.

11. No sétimo, da sua sublime oração e de como eram atendidos os seus desejos.

12. No oitavo, da sua famosa pregação e do dom dos milagres.

13. No nono, da sua morte e canonização ou inscrição no catálogo dos santos.

14. No décimo, dos milagres realizados após o seu passamento glorioso.

CAPÍTULO I

Do seu modo de viver enquanto esteve no mundo

1. Como a estrela da manhã brilhando entre as nuvens¹, assim António resplandeceu no mundo. 2. E, como a árvore se conhece pelos frutos² e a plantazinha pela raiz, assim também os pais do bem-aventurado António, como os de João Baptista, eram justos diante de Deus³, trilhando irrepreensivelmente o caminho do Senhor; e, como não tiveram filhos na flor da juventude, deram à luz este filho, que desabrochou como uma flor.

3. Os lugares em que o menino nasceu, cresceu e se instruiu foram como que presságios da futura e sublime bondade de Fernando. 4. O país chamava-se Portugal, como sendo aquele que leva e oferece um galo, o futuro arauto da verdade evangélica. 5. A cidade em que nasceu, se criou e instruiu tem o nome de Lisboa, que como que deu ao mundo um novo Ulisses, notável pelo seu discernimento e sagacidade, para que, sendo bom, fosse o modelo e o espelho de toda a bondade.

6. Este menino foi instruído nas Sagradas Escrituras na igreja da Virgem bendita, que se levanta na mesma cidade não longe da casa de seus pais; assim o menino Fernando teve a Mãe de Deus como incomparável mestra dos seus primeiros dias, ela que, como se verá mais adiante, foi a sua poderosa protectora no seu progresso e na meta final.

¹ Eccli 50,6.

² Mt 12, 33.

³ Lc 1,6.

7. Na verdade, sugerindo-lhe a brevidade enganadora do mundo coisas apazíveis, Fernando não afrouxou as rédeas da concupiscência. Vivendo uma vida célibe e procurando agradar só a Deus, esforçava-se cuidadosamente por realizar em si a palavra do Sábio: «*Eu era um menino de bom natural, que recebeu em sorte uma alma recta; e, como era bom, cheguei a ter um corpo imaculado*»⁴.

CAPÍTULO II

Do seu modo de vida e progresso na ciência entre os Cónegos Regrantes

1. Vendo como eram numerosos aqueles que no mundo caminhavam pelas sendas escarpadas dos vícios e notando que tudo quanto existe no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos ou soberba da vida⁵ e que o mundo passa rapidamente com a sua concupiscência, ele, como o patriarca Jacob, viveu com simplicidade os anos da infância na casa paterna⁶ e, desprezando a aridez do mundo com as suas flores, resolveu passar a um modo de vida mais digno.

2. Persuadido de que quem quiser ser perfeito cavaleiro de Cristo *deve odiar o pai e a mãe*⁷, deixou os seus pais e, renunciando a todos os direitos à herança, retirou-se para um mosteiro dos Cónegos Regrantes, situado nas proximidades da cidade; aí tomou o hábito religioso, comprometendo-se a observar a Regra de S. Agostinho. 3. Desejando atingir os mais altos cumes da perfeita sabedoria, devia fazer os primeiros estudos na escola do bem-aventurado doutor Agostinho, para que, sob a sua direcção, pudesse

⁴ Sab 8,19,20.

⁵ Cf 1 Jo 2,16-17.

⁶ Gn 25,27.

⁷ Cf Lc 14,26.

saborear quão suave é o Senhor e o sábio pai Agostinho se pudesse comprazer no seu sábio filho António.

4. Mas, porque a presença frequente dos amigos carnis não lhe permitia atingir a desejada paz de consciência, quis, à semelhança de Abraão, deixar a terra e a parentela. 5. Obtida dificilmente a autorização do seu superior, porque era muito estimado por todos por causa da sua santidade e extrema bondade, transferiu-se para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, também pertencente à Ordem. Aí mostrou o seu amor pela perfeição e pela paz interior e a sua total entrega à cruz.

6. No seu profundo amor ao crucificado e à cruz, esforçava-se, segundo as disposições da suma Sabedoria, por penetrar os mistérios da cruz num lugar dedicado à Cruz.

7. Naquele lugar, progrediu em todo o estado de perfeição e de piedade; contra os hereges, sob a inspiração d'Aquele que no ensino não precisa de intervalos de tempo, armou-se com as invencíveis sentenças dos Padres, para poder pregar e defender a verdade certa da fé. 8. Sucedeu, porém, que o escolhido por Deus e que por amor d'Ele tudo tinha desprezado foi de tal modo iluminado pelo mesmo Deus que utilizava a memória como livro e em breve tempo se encheu do espírito de sabedoria.

CAPÍTULO III

Dos motivos que o levaram a entrar na Ordem dos Frades Menores

1. Decorria o tempo em que o bem-aventurado Francisco, qual novo sol nascente, iluminava o mundo com a sua vida e doutrina e a sua nova Ordem; despojando-se do homem velho, revelava um homem novo ao mundo e em toda a parte difundia exemplos fragrantados de virtude. Muitos Frades Menores, abrasados no desejo do martírio, passavam-se para as terras dos infiéis, na intenção, quer de dobrar a fúria ferina ao jugo da fé, quer de obter a desejada palma do martírio por amor de Cristo morto por nós. 2. Destes

frades, alguns dirigiram-se a Marrocos e, como fortíssimos atletas, pregaram publicamente a fé de Cristo; feridos pela espada dos infieis, derramaram gloriosamente o sangue por Cristo.

3. O Infante D. Pedro, homem poderoso e digno de honra, difundiu por toda a Espanha as ínclitas alegrias e os admiráveis prodígios destes santos, os quais o Rei invicto dos mártires tinha manifestado no seu glorioso triunfo. O Infante levou consigo as suas preciosas relíquias, afirmando que, em atenção aos méritos daqueles santos, tinha escapado a graves e ameaçadores perigos.

4. Em consequência da morte e do triunfo glorioso destes mártires e dos milagres manifestos, devidos à sua intercessão, a fama e o rumor encheram os ouvidos de todos e não chegaram em vão aos de Fernando, que se assemelhava a um esforçado corcel preparado para o dia da peleja⁸ ou a um elefante excitado para o combate à vista do sangue. 5. Imediatamente se propõe tomar o hábito dos Frades Menores para poder viver a mesma vida dos santos mártires e, finalmente, conquistar a palma do martírio.

6. Dizia: *Mudarei o hábito e assim entrarei na batalha*⁹.

7. Ó mártir de desejo, António,

com quanto ardor emulaste a morte dos mártires!

8. Se o gládio do perseguidor não te arrancou a vida, a tua alma gloriosa não perdeu a palma do martírio. 9. Ínclito cavaleiro de Cristo, a quem a espada do perseguidor não aterrorizou, antes animou mais fortemente a desejar a palma do martírio.

10. Enquanto estudava cuidadosamente a forma de realizar o seu plano, sucedeu, certo dia, que foram ao dito Mosteiro, a pedir esmola, os Frades Menores, que viviam perto de Coimbra e que eram pobres por amor de Cristo. 11. Logo que o homem de Deus os viu, não pôde mais conter-se e, chamando-os à parte, abriu-lhes por completo o coração e humildemente pediu para ser recebido como irmão na Ordem. 12. Para que Francisco não fosse o único a

⁸ Cf Prov 21,31.

⁹ Cf 2 Par 18,29.

correr no estádio da pregação, Fernando tomou o hábito da nova religião, em conformidade com a palavra profética de Isaías: *Revesti-lo-ei com a tua túnica, cingi-lo-ei com o teu cinto*¹⁰.

13. A simplicidade dos frades sente uma imensa alegria com este propósito, ao ver que o seu aprisco crescia, que uma ovelha fecunda entrava no seu recinto e que a Igreja, pelos méritos de Francisco, era dilatada com o nascimento de nova criatura. 14. No dia determinado, depois de obtida dificilmente a autorização do seu prelado, regressam os frades e no próprio Mosteiro impõem ao homem de Deus o hábito da sua religião.

15. Àquele que arde no supremo desejo de ser crucificado por amor de Cristo é imposto um hábito em forma de cruz; e àquele que desejava ser amarrado com o cingulo da obediência por amor de Cristo é cingida uma corda.

16. Eia, António, valente cavaleiro!

Recebe as armas do rei invicto, que é Cristo,
Recebe a sua cruz no hábito,
Com que possas afugentar
Os poderes contrários;
Recebe uma corda como cinto,
Para que, por ela cingido,
Estejas ligado a Cristo pelo jugo da obediência!

17. Quando o cavaleiro de Cristo, António, revestido das armas da milícia celeste, iniciava a caminhada com os seus companheiros de armas para entrar no campo da dura pobreza, um cónego, que lhe era profundamente afeiçoado, com o coração amargurado disse-lhe: «Vai, vai, que talvez sejas um grande santo!». 18. O homem de Deus, na sua simplicidade columbina e animado do espírito profético, retorquiu-lhe: «Quando vieres a saber que sou santo, darás graças a Deus».

¹⁰ Is 22,21

19. No Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como soube do Custódio de Santiago, é tido em veneração o leito em que o Santo repousara no dormitório; à sua invocação, muitos dos que aí vinham rezar-lhe recebiam inúmeros benefícios.

20. Depois da santa morte e solene canonização de António, tendo a rainha de Portugal falecido num lugar muito remoto do seu reino, o mesmo bem-aventurado António apareceu visivelmente naquele Mosteiro a um piedoso cónego e, falando-lhe afavelmente, participou-lhe a morte da rainha. 21. Esta informação não foi somente útil àquele Mosteiro, como também o livrou de alguns incómodos.

22. Foi naquele Mosteiro que o feliz António vestiu o hábito da Ordem dos Frades Menores e, deixando os cónegos, agregou-se à companhia dos Frades Menores.

CAPÍTULO IV

Da mudança do nome e da partida para a terra dos infieis pagãos

1. Chamava-se Santo Antão o lugar em que morava a numerosa comunidade dos humildes frades. 2. Quis, por isso, e pediu para mudar de nome; e aquele que antes tinha o nome de Fernando passou desde então a chamar-se António.

3. Com razão, primeiramente se chamou Fernando, porque Fernando era como que um «fervente nardo»; fervente de amor pelo martírio, nardo, pela fragrância dos bons exemplos. 4. Ou ainda Fernando pode significar:

Com a corda refreia os rins,
Ama os que estão nus,
É guia da verdade sólida.
E diz-se: com a corda refreia os rins,
Em razão da mundícia e da pureza;

Ama os que estão nus,
Em razão da indigência e da pobreza;
Guia da verdade sólida,
Em razão da sólida verdade que ele prega.

5. Assim torna-se claro que era caracterizado pelo primeiro nome que lhe foi posto.

6. Com razão depois se chamou António, porque António significa como que «antes toa», primeiro que todos os frades do seu tempo e da sua Ordem, ele entou a todos as mais altas verdades.

7. Ou ainda, António quer dizer:

Suporta as coisas espinhosas (ANgusta TOLerans),

Usa as brilhantes (NITidis UtenS):

Suporta as coisas espinhosas na mortificação do corpo,

Usa argumentos brilhantes na pregação.

8. Ou António significa:

Hábil negociante (Aptus Negociator);

Testemunha criadora (Testis Operator);

Implorante incansável, (Nimius Implorator);

Profícuo seguidor (Utilis Sectaror),

hábil negociante no desprezo do mundo;

testemunha criadora em praticar o que prega;

Implorante incansável na sua devota oração;

profícuo seguidor na imitação do bem-aventurado Francisco.

9. Este homem de admirável simplicidade quis humildemente mudar o nome para, sob um nome desconhecido, evitar as importunações dos que o procuravam; além disso, retirando-se e deixando o nome de Fernando, com que naquelas regiões costumam ser chamados os filhos dos reis e os nobres, quis dar-nos um insigne exemplo de humildade.

10. Foi feliz imitador de seu feliz Mestre que, chamado pelos outros «Cristo Filho de Deus vivo»¹¹, se apresentou a si mesmo como o «Filho do homem». Imitou também o seu mestre Francisco

¹¹Mt 16,13; 8,20-10-23...

que, enquanto o povo o glorificava, exaltando as suas maravilhas, se declarava diante de todos filho de Pedro Bernardão.

11. Permaneceu algum tempo naquele lugar com os frades e foi-se instruindo no que se referia à pobreza, à pureza e à obediência, segundo a Regra dos Frades Menores. Tudo quanto ouvia guardava-o diligentemente no escrínio do coração; e, como vaso de argila fresca, embebia-se dos celestes ensinamentos, com que a seu tempo reconfortaria as almas famintas.

12. Algum tempo depois, em conformidade com o que tinha resolvido antes de entrar na Ordem, obteve autorização de se passar às terras dos infiéis, para aí pregar Cristo publicamente e se oferecer a si mesmo como vítima pela verdade da fé, por amor de Cristo, que se imolou por nós no altar da cruz. 13. Mas Cristo, a Sabedoria eterna, que «estende o seu vigor de uma extremidade à outra e governa todas as coisas com suavidade»¹², dispõe de outro modo, guardando e preparando António para uma missão mais sublime.

14. Pois, durante o tempo que permanecesse entre os sarracenos, ainda que fizesse todos os esforços para alcançar a palma do almejado martírio, não poderia realizar os seus intentos por ser outra a vontade de Deus. 15. Ferido de grave e prolongada enfermidade, dando-se conta de que nada de bom podia fazer para levar a bom termo o seu projecto, viu-se obrigado a regressar às terras dos cristãos. 16. Todavia, ele que se tinha cravado na cruz da penitência com Cristo crucificado, vivendo por Cristo e morrendo para o mundo, sofria contínuo martírio.

17. Vendo que nada corria bem aos seus desígnios e resolvendo voltar à Espanha, sucedeu que, por força do vento contrário, foi aportar às costas da Sicília.

18. Estava próximo o Capítulo Geral, que brevemente seria celebrado perto de Assis. 19. Logo que a notícia chegou ao conhe-

¹² Sab 8,1.

cimento de António, apresentou-se ali, ainda que muito fraco e doente.

20. Terminado o Capítulo e voltando os frades aos seus lugares, o bendito António aproximou-se suplicante, humilde e devoto, de Frei Graciano, superior dos frades da Romagna, e pediu-lhe que, com o consentimento do Geral, o levasse consigo e o instruisse nas disciplinas regulares. 21. Ele, que desejava ser cumulado dos dons da graça, devia ser ensinado sob a direcção de Graciano. 22. Como o bem-aventurado António procurasse um lugar retirado para viver na solidão e no silêncio e se elevar acima de si mesmo, Frei Graciano enviou-o para o eremitério de Monte Paolo.

23. Convinha que, sob a direcção da divina Sabedoria, fosse enviado para o eremitério de Monte Paolo, a fim de que, levando vida eremítica, aprendesse a humildade e, na oração, devoção e estudo, recolhesse aquelas sementes escolhidas que mais tarde havia de semear abundantemente nos outros através da pregação.

24. Aí, numa cela o mais possível distante, servindo fielmente a Deus, em suma austeridade e em altíssima oração, fortaleceu-se contra as tentações e confirmou o espírito no divino amor.

CAPÍTULO V

Da sua admirável humildade e das complacências divinas a seu respeito

1. A humildade, guarda e ornamento de todas as virtudes, tinha enriquecido com tal superabundância o homem de Deus que, vivendo entre os Menores, queria ser desprezado, ignóbil e o último dos frades. 2. Consciente de que quem leva pelo caminho um tesouro à vista de todos deseja ser despojado, escondia, com todo o cuidado possível, as virtudes e dons que recebera de Deus.

3. Ainda que estivesse cheio do espírito de sabedoria, ocultava a sua ciência com tal atenção que, entre os frades, não aparecia nenhum indício do seu saber, a não ser que pouco e raramente falava latim. 4. Porque a ciência incha, mais queria parecer igno-

rante e inculto entre os homens do que encher-se de orgulho com a sua ciência e ser exaltado com o vento da vanglória.

5. Na verdade, porque a verdade se comprova nos ofícios humildes e porque ninguém se deve considerar humilde se recusa continuamente os ofícios baixos, o bem-aventurado Ant3nio, profundamente humilde, desejava exercitar-se assiduamente nos trabalhos humildes. 6. Pensando que Cristo se quis humilhar a lavar os p3s dos disc3pulos, ele lavava os pratos e outros utens3lios da cozinha, lavava os p3s aos frades e beijava-os com devo33o.

7. Quando viajava com um companheiro, queria fazer-se em tudo mais pequeno do que ele, quanto era poss3vel e na medida em que as conveni3ncias o permitiam; pensava que, quanto mais algu3m se humilhava em tudo, tanto mais dons de gra3as acumulava diante de Deus. 8. Nomeado superior, mais parecia um companheiro; posto a presidir, n3o queria ser exaltado, mas ser considerado entre os frades como um deles, mesmo inferior a eles.

9. Assim como quem se exalta ser3 humilhado¹³ e como ao soberbo segue a humilha33o, assim a gl3ria acompanha aquele que 3 humilde: Deus exaltava com sinais evidentes o bem-aventurado Ant3nio, que se tinha na conta de nada diante dos homens. 10. O Santo guardou as marcas da sua humildade de quatro modos, a saber: escondendo a sua ci3ncia, ocupando-se assiduamente nos of3cios humildes, em viagem mostrando-se inferior ao companheiro, nos cargos humilhando-se em tudo; em todas elas o poder divino quis cerc3-lo de gl3ria, como aparecer3 mais claramente nas p3ginas seguintes.

11. (I) Tendo guardado a sua ci3ncia debaixo do alqueire por amor da humildade, n3o permitiu Deus que t3o grande luzeiro de sabedoria permanecesse por mais tempo escondido, mas quis que fosse colocado no candelabro¹⁴. 12. Sucedeu que o bem-aventurado Ant3nio e muitos frades foram enviados pelos seus superiores 3 cidade de Forli para receber ordens. 13. 3 hora da confer3ncia espiritual, o Ministro do convento solicitou a alguns frades da

¹³Lc 14,11.

¹⁴Mt 5,15.

Ordem dos Pregadores que estavam presentes, e ainda aos mesmos Frades Menores, para que algum deles dirigisse uma palavra de exortação aos irmãos reunidos. Cada um, por disposição de Deus, declarou que não estava preparado; então o Ministro, impelido fortemente pelo Espírito, voltando-se para António, de cuja ciência não tinha transpirado nenhum indício, começou a rogar-lhe insistentemente e depois a impor-lhe com firmeza para que dissesse aos irmãos tudo quanto o Espírito Santo lhe inspirasse.

14. Mas António, verdadeiro amante da humildade, mais desejando ser discípulo do que mestre, exclamou que era o menos idóneo e preparado; fez tudo quanto pôde para se esquivar a um acto que lhe parecia uma honra, mas, finalmente, não pôde opor-se a quem dava uma ordem. 15. E foi uma coisa maravilhosa que sobre um irmão desconhecido, de cuja ciência os irmãos nada sabiam, se fizesse tão forte pressão para pregar. Mas não eram os homens que assim agiam, era Deus.

16. Começou no temor do Senhor a expor coisas simples. Mas, como a sua inteligência era iluminada pela graça divina e a sua memória funcionava como um livro, com o decorrer do discurso, as suas palavras tornaram-se tão brilhantes e com tal clareza expõe os profundos mistérios da Escritura e com tão exuberante eloquência de argumentos persuasivos que se pôde claramente comprovar que a linguagem afável existe no homem bom¹⁵.

17. Perante o seu admirável discurso, os ouvintes ficaram de tal modo arrebatados e fascinados que, estupefactos, exclamaram: *Nunca um homem falou como este*¹⁶. E confessaram que nunca tinham ouvido falar assim.

18. Porque tinha preparado o coração para a ciência, o Senhor governava-lhe a língua; quem tinha aprendido a ciência sem dissimulação começava agora a comunicá-la com prodigalidade. 19. Desejara a inteligência e fora-lha dada; suplicara e recebera o Espírito de sabedoria; assim a boca do justo exprimia a sabedoria e a sua língua falava o que era recto.

¹⁵ Eccli 6,5.

¹⁶ Jo 7,46.

20. Não muito depois, a notícia do sucedido chegou aos ouvidos do Geral, que logo o obrigou a aparecer em público e lhe confiou o ofício da pregação. 21. Feliz António, que não se lançou na actividade da pregação nem assumiu para si tal honra, mas, como outro Aarão, foi chamado por Deus¹⁷. 22. Quanto encanto teve na pregação, ver-se-á quando falarmos da sua acção apostólica.

23. (II) Pelo facto de o bem-aventurado António se exercitar nos serviços humildes, o Senhor realizou prodígios a favor do seu humilde servo.

24. Enquanto era Custódio dos frades na Custódia de Limoges, aconteceu, à meia noite de Quinta-feira Santa, encontrar-se na cidade de Limoges, na igreja de S. Pedro de Quadrívio. Terminado o ofício de Matinas, que aí costumam ser celebradas à meia noite, começou a semear a semente da Palavra da Vida ao povo aí reunido. 25. À mesma hora, no seu convento, os Frades Menores cantavam ao Senhor os louvores do ofício de Matinas; o Custódio, S. António, tinha sido escalado para cantar uma lição no ofício.

26. O homem de Deus pregava àquela hora na igreja de S. Pedro, que está muito distante do convento dos frades. 27. Prossequindo o ofício de Matinas e chegando os frades à leitura que estava destinada ao bem-aventurado António, este apareceu subitamente no meio do coro, começou a sua lição e cantou-a até ao fim.

28. Ficaram estupefactos todos os frades presentes, porque sabiam que ele se encontrava a pregar na cidade. 29. O poder de Deus fez que ele à mesma hora estivesse com os frades no coro, onde fez uma leitura, e na igreja com o povo, a quem pregou a Palavra da Vida. 30. Mas, enquanto fez a leitura no coro, permaneceu silencioso na igreja perante o povo.

31. Quem tornou o bem-aventurado Ambrósio, então a residir em Milão, presente em Tours nas exéquias de S. Martinho, quis que o bem-aventurado António estivesse presente em dois lugares, para que com a sua ausência não houvesse perturbação no ofício

¹⁷ Cf Heb 5,4.

divino. 32. Quem se tinha rebaixado aos mais humildes serviços merecia que Deus o exaltasse nos santos ofícios.

33. (III) Quer fosse ou não de viagem, queria mostrar-se inferior ao companheiro, tendo diante dos olhos aquelas palavras do profeta: *Senhor, o meu coração não se orgulha, nem os meus olhos são altivos; não vou atrás de grandezas nem de prodígios que me excedam; ao contrário, sempre tive sentimentos humildes*¹⁸. Por isso, o mestre da humildade, Cristo, que proclama no Evangelho: *Aprendeí de mim que sou manso e humilde de coração*, precavia admiravelmente o servo de Deus e seus companheiros de humilhações, insultos e escândalos.

34. Ao tempo em que era Custódio de Limoges, numa viagem que fez de Limoges para a Itália, sucedeu-lhe atravessar a província da Provença. 35. Tendo chegado a um lugarejo já depois da hora da refeição, uma mulher piedosa e pobre, sabendo que ele e o companheiro estavam em jejum, compadeceu-se da sua situação de pobreza e de fome e levou-os para sua casa para lhes dar de comer.

36. A mulher, rivalizando com Marta em os servir, apresentou na mesa pão e vinho, tendo pedido emprestado a uma vizinha um copo de vidro.

37. Mas Deus, querendo tirar proveito da provação, permitiu que a mulher, ao tirar o vinho da vasilha, deixasse descuidadamente a torneira aberta e o vinho derramou-se todo pelo pavimento da despensa. 38. Por sua vez, o companheiro de António, ao receber desajeitadamente o copo de vidro, bateu com ele na mesa de tal sorte que a copa intacta foi parar a um lado e o pé a outro.

39. Pelo fim da refeição, a mulher, querendo oferecer vinho novo aos frades, ao entrar na despensa, viu o vinho entornado pelo pavimento. 40. Voltou para trás a lamentar-se, triste, desolada e perturbada; e, enquanto informava que o vinho se tinha derramado por causa da sua falta de cuidado, o bem-aventurado António, compadecendo-se da infelicidade da mulher, pôs a cabeça entre as

¹⁸ Sl 130,1-3.

mãos, por cima da mesa, meditando naquela palavra do Apóstolo: *Orarei com o espírito e com o entendimento*¹⁹.

41. Enquanto a mulher olhava para ele a rezar nesta posição e estava na expectativa do que ia acontecer, eis que subitamente — coisa admirável de dizer! — a copa do copo de vidro que estava dum lado da mesa se sobrepôs por si mesma ao pé, que estava do outro. 42. À vista disto, a mulher ficou cheia de espanto, pegou rapidamente no copo e, agitando-o fortemente, apercebeu-se de que ele estava intacto por virtude da oração.

43. Crendo que a força que tinha reparado o copo poderia recuperar o vinho entornado, a passo ligeiro dirige-se para a despensa; a vasilha, que antes a custo estaria meia, encontrou-a agora tão cheia que o vinho saía pelo cimo da vasilha a borbulhar, como novo. 44. De facto, era novo, porque Deus o criara de novo para poupar ao humilde António a vergonha e o embaraço e para, em tão estupendo milagre, se tornar manifesto o poder da oração.

45. Mas, apenas o Santo sentiu que fora ouvido, logo deixou a localidade, fugindo, como discípulo da humildade, de lugares onde pudesse ser honrado e louvado pelo povo.

46. (IV). Pois que, constituído em autoridade, não queria ser exaltado, mas ser considerado quase um súbdito, Deus escolhera-o para guarda fiel das suas ovelhas, para as defender das mordeduras dos lobos e das serpentes.

47. Uma vez, tendo recebido na Ordem um jovem de Limoges, de nome Pedro, este deixou-se seduzir pelo tentador e pensava em sair da Ordem. O bem-aventurado António, cheio do Espírito Santo, mandou chamá-lo à sua presença. 48. E tendo conhecido a tentação, abriu-lhe a boca com as mãos, soprou para dentro dela e disse: «*Recebe o Espírito Santo*»²⁰. 49. Coisa admirável, sem dúvida! Desde então a tentação deixou aquele frade. 50. Como ele mesmo contava, desde aquele momento, enquanto viveu na Ordem, jamais sentiu o dardo da tentação.

¹⁹ 1 Cor 14,15.

²⁰ Jo 20, 22.

51. Oh! homem verdadeiramente humilde,
 a quem o Senhor confiou o ministério da pregação
 porque escondia o seu saber;
 a quem o Senhor honrava nos ofícios divinos,
 porque preferia os serviços humildes;
52. porque queria ser o último entre os companheiros,
 mostrava-se o mais sublime nos milagres;
 porque, sendo superior, não se exaltava,
 pela sua vigilância livrava as ovelhas a si confiadas
 das mordeduras dos lobos!

CAPÍTULO VI

Da sua grande pobreza e de como Deus supria admiravelmente as suas necessidades

1. António, pobre, experimentado no espírito de pobreza, desde o princípio, numa fraternidade de pobres, crescia continuamente nas riquezas da altíssima pobreza. 2. Procurava, com todo o empenho, conformar-se em tudo com a pobreza e frequentemente recordava a pobreza de Cristo e de sua Mãe bendita.

3. Falando muitas vezes aos irmãos e aos fiéis acerca da pobreza, insistia sobre a palavra do Evangelho: *As raposas têm covas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça*²¹; e sobre aquela sentença do Eclesiástico, como se lê no primeiro sermão das suas Obras Dominicais: *Nada mais ímpio do que amar o dinheiro*²². 4. Por isso, no mesmo sermão diz que as riquezas são, com razão, comparadas pelo Salvador a espinhos, porque estorvam, picam e fazem gotejar sangue ao seu possuidor.

5. Por isso mesmo, nada levando consigo quando ia de caminhada, somente amava a pobreza como um grande tesouro; percorria as terras e as províncias em grande pobreza como pere-

²¹ Mt 8,20.

²² Eccli 10, 10.

grino e estrangeiro no mundo. 6. Sabia suportar a fome como o Apóstolo, sabia gloriar-se nos tormentos da pobreza, convencido de que o Senhor atende o desejo dos pobres, lhes fará justiça e dará aos pobres a posse do reino dos céus. 7. Feliz filho que, conformando-se em tudo à pobreza de Francisco, a ensinou com a palavra e a corroborou vigorosamente com os exemplos duma vida paupérrima!

8. Mas, porque o Senhor é *o refúgio dos pobres e a consolação nas tribulações*²³, Ele, como Sumo Providente, *em quem esperam os olhos de todos e que a todos dá o alimento no tempo oportuno*²⁴, supria tão generosamente aí suas faltas e carências que absolutamente nada lhe faltava nem àqueles que com ele conviviam. 9. Além disso, o amor da pobreza e o zelo da salvação das almas faziam que o veneno que lhe fosse ministrado, enquanto convidado para a mesa como um pobre, não lhe fizesse mal nenhum.

10. (I) Encontrando-se uma vez na diocese de Limoges, perto de Brive, onde ele mesmo tinha recebido a primeira morada dos Menores, e não tendo o cozinheiro nada com que pudesse preparar a refeição aos frades, o bem-aventurado António significou a uma certa senhora, muito afeiçoada a ele e aos frades, que lhe mandasse legumes e alhos porros da sua horta para poder alimentar os súbditos. 11. Naquele dia chovia torrencialmente. 12. A senhora chamou a sua empregada e, falando-lhe suavemente, pediu-lhe que fosse à horta e levasse aos frades as coisas necessárias para a cozinha.

13. A empregada julgou o pedido disparatado por causa da chuva torrencial.

14. Vencida, todavia, pelos rogos da sua senhora, foi, finalmente, à horta, colheu as coisas necessárias para a cozinha e levou-as aos frades, que moravam a grande distância da cidade.

15. E, ainda que a chuva não tivesse parado nem sequer por um instante, a mulher não molhou nem o corpo nem o vestido. 16. Voltando à presença da sua senhora com as vestes inteiramente secas, referiu-lhe como a chuva caíra continuamente e, contudo, não a molhara. 17. Pedro de Brive, filho da dita senhora e cónego

²³ Cf SI 9,10

²⁴ SI 144,15.

de Noblac, contava frequentes vezes, para glória do Santo, com exultação de alegria, este milagre, que tinha ouvido de sua mãe.

18. Se o Senhor o socorreu admiravelmente nas situações simples, quais e quantos prodígios acreditamos terem sido realizados nas situações mais extraordinárias? 19. Estão certos aqueles que se tornaram fortes por amor de Cristo de que o Senhor não permitirá que passem fome. 20. Isto pode aparecer claro àquele que quiser recordar o milagre, acima referido, do vinho derramado da vasilha e recuperado, e do copo de vidro partido e depois admiravelmente restaurado.

21. (II) A clemência de Deus não só provia a António pobre nas suas necessidades como ainda o protegia de modo admirável nos perigos.

22. Aconteceu-lhe uma vez, nas regiões da Itália, ter sido convidado para jantar pelos hereges. Aceitou o convite na esperança de os reconduzir dos erros e confirmar na verdade da fé, a exemplo do Salvador que, por motivo semelhante, comia com os publicanos e pecadores. 23. Porque uma consciência perturbada sempre se presume perversa, os hereges, que ele confundia a cada passo nas pregações e nas disputas, urdindo malvados projectos, puseram diante do bem-aventurado António comida cheia de veneno mortal. Mas o Espírito, que revela as coisas escondidas, deu-lhe a conhecer a armadilha.

24. Tendo sido repreendidos com palavras afáveis e serenas por terem concebido tão grande perversidade, os hereges, mentindo e imitando o pai da mentira, argumentaram não o terem feito por outro motivo a não ser para comprovarem a verdade da Palavra evangélica: *se ingerissem alguma bebida mortífera, não lhes faria mal*²⁵. 25. Procuram, pois, persuadi-lo a tomar o alimento servido, assegurando-lhe que, se não lhe fizer mal, aceitarão para sempre a fé do Evangelho; mas, se reccar tomar o alimento, considerarão falsas as palavras do Evangelho.

26. António, impávido, traçou o sinal da cruz sobre o alimento e, tomando nas mãos, disse: «*Faço isto, não para tentar a Deus,*

²⁵ Mc 16,18.

mas movido pelo zelo firme e destemido da vossa salvação e da fé evangélica». 27. Tomado o alimento, ficou completamente bem, não sentindo qualquer incómodo no corpo. Ao verem isto, os hereges converteram-se à fé do Evangelho.

28. Considere, pois, a mente devota quanto era agradável a Deus a pobreza de António, a quem Deus socorria tão compassivamente nas necessidades e a quem tão admiravelmente libertava das coisas malfazejas.

CAPÍTULO VII

Da sua sublime oração e de como eram atendidos os seus desejos

1. Pois que o bem-aventurado António tinha aprendido de seu mestre Francisco que a perseverança na oração era a coisa mais desejável para um homem religioso; pois que o bem-aventurado Francisco afirmava que ninguém podia progredir no serviço de Deus a não ser que se esforçasse por elevar a mente ao alto por meio da assiduidade da oração, o servo de Deus aplicava-se afinadamente à oração, exclamando com o Apóstolo: *Orarei com o espírito, orarei também com a inteligência*²⁶.

2. Quando era Custódio de Limoges, numa tarde, depois da hora de Completas, estando ele mergulhado em profunda oração, como era costume, aconteceu que alguns frades, ao saírem do oratório, viram no raio da lua um grande campo de um seu amigo, o qual estava repleto de trigo, pronto para a ceifa, invadido por uma multidão de homens, que pareciam empenhados em o destruir totalmente e em arrancar por completo as espigas.

3. O referido campo era contíguo à habitação dos frades.

4. Estes, compadecidos do dano sofrido pelo seu devoto amigo, correram celeremente para o homem de Deus, que passava a noite

²⁶ 1 Cor 14,15.

no oratório entregue à oração, e referiram-lhe, em altas e lagrimosas palavras, o dano sofrido pelo amigo da Ordem.

5. Respondeu-lhes o homem de Deus: «Deixai, irmãos, deixai e voltai à oração, porque este é o vosso adversário, que procura dar-vos uma noite inquieta e afastar as vossas mentes da oração.

6. Sabei que seguramente o campo do nosso devoto amigo não sofrerá desta vez nenhum dano ou destruição». 7. Obedecem os frades aos conselhos do Santo e esperam até de manhã o final do acontecimento.

8. Tendo amanhecido, observaram o campo de todos os lados e viram-no completamente intacto e ileso. 9. Por isto conheceram que se tratava de um embuste do diabo e tiveram na maior veneração a devoção e a oração do Santo, que soubera do engano dos demónios.

10. Mas, porque não cessa de orar quem não cessa de fazer o bem, o bem-aventurado insistia assiduamente nas boas obras, para que o adversário o encontrasse sempre ocupado nelas. 11. Como passasse uma vez o inverno junto de Pádua e aí redigisse os *Sermões dos Santos* a pedido do senhor Ostiense, ao chegar o tempo da Quaresma, decidiu despê-lo na pregação e em ouvir confissões.

12. Mas o inimigo do género humano, querendo obstar ao êxito da sua missão, uma noite, no princípio da Quaresma, quando o Santo descansava do trabalho, apertou-lhe a garganta com tanta força que quase o sufocou. 13. Mas logo começou a invocar com gritos interiores o nome da bem-aventurada Virgem, que nos primeiros anos tivera como mestra e depois como eficaz protectora. 14. Ao abrir os olhos, avistou a cela iluminada com intenso esplendor. O inimigo da luz, não podendo suportar aquele clarão, retirou-se envergonhado.

15. Quem por Ela tinha sido
Ao princípio ensinado,
Por Ela devia ser

16. Do demónio libertado. Não admira que o Demónio tentasse estrangular António que, por meio da enxada das confissões e do anzol das pregações, não cessava de lhe arrebatat as almas que tinha adquirido com todo o género de pecados.

17. *A oração acompanhada do jejum é agradável a Deus*²⁷, pois, enquanto aquela cura os males da alma, este cura os do corpo; por isso, o bem-aventurado Ant3nio, para viver isento de mal interior e exterior, castigava o corpo e mantinha-o na servid3o, n3o fosse dar-se o caso de, pregando aos outros, ser julgado r3probo²⁸.

18. Trazia sobre a carne uma cadeia de ferro, parte da qual ainda 3 conservada em Limoges, na habita33o dos frades. 19. Com t3o inflex3vel austeridade sujeitava o corpo ao esp3rito que, com o andar cambaleante, a custo muitas vezes conseguia aguentar-se de p3.

20. Aquela alma bendita, pouco molestada com o peso da carne, de tal modo se tinha elevado 3s alturas que toda a sua vida parecia desenvolver-se no c3u. 21. Por isso, Deus, penetrando do alto as suas s3plicas, atendia-as ao gosto dele. 22. Era revelado a muitos pecadores, atascados em v3rios e graves v3cios, que se apresentassem a Ant3nio para obterem o perd3o mediante as suas preces.

23. Aconteceu-lhe cair enfermo num mosteiro de monges negros, na diocese de Limoges. 24. Um monge foi indicado para o seu servi3o. 25. Era fortemente tentado do pecado da carne, tenta33o que foi revelada pelo Esp3rito ao homem de Deus. 26. E, porque quem vive com um santo merece ser santo e irrepreens3vel, o homem de Deus, certo dia em que o monge estava na sua presen3a, recriminou-o brandamente e descobriu-lhe a tenta33o que trazia escondida no cora33o e a forma dela; com rogativas afectuosas, induziu o mesmo monge a vestir uma t3nica interior, que o homem de Deus, amante da pureza, tinha despido.

27. Logo que a t3nica, que tinha tocado o corpo puro do bem-aventurado Ant3nio, entrou em contacto com o corpo do monge tentado — coisa admir3vel de dizer! — a ferida da tenta33o desapareceu da mente e, ao tocar-lhe a carne, curou-lhe a alma. 28. Este monge por diversas vezes afirmou que, desde que vestira a t3nica do bem-aventurado Ant3nio, jamais sentira qualquer tenta33o carnal. 29. Este monge, porque serviu o homem de Deus na

²⁷ Tb 12,8.

²⁸ 1 Cor 9,27.

enfermidade corporal, mereceu ser liberto pelo mesmo da chaga do espírito.

30. Tendo a mente elevada na oração, empenhando-se nas boas obras²⁹ mortificando-se com o jejum e a abstinência, era muito fervoroso na pregação da palavra e poderoso em operar milagres.

31. Aconteceu-lhe outro facto maravilhoso quando o Santo se encontrava na Espanha. 32. Um jovem, esquecido do respeito que, segundo o mandamento do Senhor, se deve à mãe, e ímpio desprezador e transgressor daquele preceito, enfurecido contra a mãe, deu-lhe um pontapé tão violento que a senhora caiu por terra. 33. Profundamente pesaroso ao ouvir um sermão do Santo e trespassado com a espada da palavra divina que saía da boca de António, confessou o seu pecado com o coração amargurado e os olhos rasos de lágrimas. 34. Vendo-o tão arrependido, o homem de Deus, entre outras coisas impôs-lhe que pedisse humildemente perdão à mãe.

35. Tendo-se aquele homem dirigido à mãe para lhe pedir perdão, em conformidade com a imposição do homem de Deus, a mãe disse-lhe: «Eu de boa mente te perdoou, mas penso que Deus não deve perdoar-te afronta tão grave». 36. Ouvindo tais palavras, o jovem, com espírito não pouco agitado, entrou triste no seu quarto e com uma machadinha imediatamente amputou o pé com que tinha ofendido a mãe. 37. Em consequência disto, o sangue começou a jorrar, enquanto ele se contorcia com dores, de tal modo que aos seus gritos e aos de sua mãe, que isto observara, se juntou toda a vizinhança.

38. Enquanto isto decorria, o homem de Deus calhou de passar por aquele lugar e, enquanto se informava do motivo de tão grande ajuntamento e tumulto e recordava que alguém se tinha confessado de ter ferido a mãe, entrou naquela casa.

39. Logo que viu e conheceu o jovem, pediu o pé amputado. 40. Segurando-o com a mão e confiando no poder de Deus, que cura os atribulados de coração e lhes pensa as chagas, logo o colo-

²⁹ 1Tim 6,18..

cou no lugar do corte. 41. Feito isto, o pé uniu-se à restante carne e o jovem viu-se salvo juntamente da dor e da ferida. 42. Deste facto ressalta no jovem o valor da contrição e da confissão e se comprova o poder da oração de António. 43. De que modo a sua oração foi poderosa na reparação do copo quebrado e na recuperação do vinho derramado, pode sabê-lo quem quiser recordar o que fica acima referido acerca da sua humildade e das condescendências divinas aos seus desejos.

44. Ó homem admirável,
 cuja carne foi sujeita às macerações,
 cuja mente foi elevada para o alto
 e cuja oração foi ouvida à medida do seu desejo;
 cuja túnica cura uma alma perturbada
 e cuja oração une o pé cortado!

CAPÍTULO VIII

Da sua famosa pregação e do dom das curas

1. António, eleito para o ofício da pregação por vontade de Deus, procurando executar com zelo a incumbência recebida, percorria as aldeias, as cidades e os castelos, semeando por toda a parte as sementes da palavra da vida e lançando a rede da divina doutrina. 2. Ele era a trombeta da lei de Moisés, o eco dos profetas, a voz dos apóstolos, o arauto do Evangelho e o mensageiro da verdade salvadora.

3. No meio da assembleia abriu a boca, que Deus enchera do espírito de sabedoria e de inteligência³⁰. 4. A sua pregação conheceu tal fama que o Sumo Pontífice costumava chamar-lhe, com peculiar expressão, «Arca do Testamento».

5. Os homens de letras admiravam nele a penetrante subtileza de engenho e a brilhante eloquência e em tudo o ouviam a brandir as palavras com o admirável peso do discernimento. 6. Transbor-

³⁰ Eccli 15, 5.

dante de doutrina, distribuía a cada um a sua porção com tal equilíbrio de justiça que, quer falasse a grandes quer a pequenos, a todos atingia igualmente com os dardos da verdade.

7. Contudo, segundo as várias condições e as pessoas, as suas palavras eram condimentadas com o sal da discricção e deitava este sal no sacrifício da pregação, de tal modo que cada um que o ouvisse, se estivesse no erro, dele voltava mudado; cada pecador, arrependido ou convertido; o bom, animado a ser melhor; e ninguém voltava descontente.

8. Também em Rimini converteu muitos hereges à integridade da fé cristã. 9. Entre eles, reconduziu à luz da verdade um herejarca, de nome Bononillo, havia trinta anos obcecado pelas trevas do erro pestilencial, e conseguiu que ele permanecesse fiel às ordens da Igreja até à morte.

10. Em louvor da sua pregação, não deve ser omitido o que sucedeu uma vez aos frades reunidos em Capítulo Provincial na Provença, em Arles. 11. S. António pregava aí em linguagem devota e aprazível sobre o título da cruz: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus*. 12. Querendo o seu bem-aventurado pai Francisco, ainda vivo mas morando longe, em terras da Itália, dar testemunho fiel da sua pregação, apareceu à porta do Capítulo, suspenso nos ares, com os braços estendidos e dispostos em forma de cruz, e abençoou os frades.

13. Se se deve ter por certo que a omnipotência de Deus concedeu ao santo bispo Frontão estar presente nos funerais da gloriosa Marta, hospedeira de Cristo, para prestar à devota senhora piedosa homenagem, também quis tornar presente o seu servo Francisco à pregação de António, seu arauto autêntico, a fim de aprovar a palavra da verdade, principalmente a da cruz de Cristo, de quem era portador e ministro. 14. Parecia oportuno e conveniente que Francisco prestasse testemunho a António que, com ardente desejo, procurava alcançar continuamente o suplício da cruz desde a entrada na Ordem, e naquele momento descobria os mistérios e as marcas ocultas da Paixão. 15. Tomou-se conhecimento desta aparição pela relação de Frei Monaldo, homem de comprovada virtude,

que a viu com os seus próprios olhos e foi confirmada pela atestação pública do mesmo pai S. Francisco.

16. Pregando ao povo, frequentemente predizia o que lhe devia acontecer durante a pregação. 17. Pregando um dia na diocese de Limoges, perto de S. Juniano e tendo-se reunido tão grande multidão de pessoas que a capacidade da igreja não as podia conter, foi necessário que o homem de Deus se mudasse, com a multidão do povo reunido, para uma vasta praça.

18. Depois de preparado à pressa um estrado de madeira, o homem de Deus subiu para ele e fez a seguinte profecia: «Sei que o inimigo fará em breve um desacato durante o sermão. Mas não tendes medo, porque ninguém sofrerá dano».

19. Após breve tempo, o estrado em que o Santo estava ruiu com admiração de todos, mas nem ele nem os circunstantes ficaram feridos. 20. Este facto animou o povo a maior reverência para com o homem de Deus, no qual viam brilhar o espírito de profecia. Preparado de novo o lugar, António foi escutado com a mais aturada atenção.

21. Soube da relação fidedigna de alguns frades que, enquanto António pregava um dia em Bourges durante um Sínodo, dirigiu a palavra ao arcebispo e disse-lhe com fervor de espírito: «É para ti que falo, cornudo!». 22. E começou a detestar certos vícios, dos quais o arcebispo tinha a consciência carregada, com tal ardor e com tão claros e sólidos argumentos da Escritura que subitamente o arcebispo foi movido ao arrependimento e às lágrimas, como também a uma devoção jamais experimentada. 23. Terminado o Sínodo, tomou-o à parte e humildemente mostrou-lhe as chagas da consciência. Desde então, mais afeiçoado a Deus e aos irmãos, empenhou-se mais seriamente no serviço de Deus.

24. Se, porém, os homens, dotados de entendimento, desprezavam a sua pregação, Deus mostrava, com sinais e prodígios, por meio dos animais irracionais, que ela era digna de veneração.

25. Um dia, nos arredores de Pádua, alguns hereges desprezaram a sua palavra e escarneceram dela. António aproximou-se do rio, que

passava perto, e de forma que todas as pessoas presentes pudessem ouvir disse aos hereges: «Porque vos mostrais indignos da palavra de Deus, vou voltar-me para os peixes, para confundir mais fulgurantemente a vossa incredulidade».

26. Com fervor de espírito começou a pregar aos peixes, referindo os dons que Deus lhes concedera:

como os tinha criado,
 como lhes dera a pureza das águas,
 em quanta liberdade os colocara
 e como os alimentava sem precisarem de trabalhar.

27. A estas palavras, os peixes começaram a ajuntar-se e a aproximar-se dele, levantando acima da água parte do corpo, a olhar atentamente para ele e a abrir a boca. E, enquanto aprovou ao Santo falar-lhes, escutaram-no atentamente, como se fossem dotados de razão, e não se afastaram sem que primeiro recebessem a sua bênção. 28. Aquele que tornou as aves atentas à pregação de S. Francisco foi o mesmo que reuniu os peixes e os tornou atentos à pregação de seu filho António.

29. Referido com este, entre os seus milagres, encontrei outro admirável exemplo que não deve ser passado em silêncio: 30. Um herege pérfido e astuto não podia ser convencido pelas pregações ou exortações de António a crer na verdade da presença real do Corpo de Cristo, sob as espécies de pão e vinho, no sacramento do altar. 31. Usando os sentidos e privado da fé, porque não via realizar-se qualquer alteração nas espécies, nenhuma razão podia levá-lo a acreditar na verdade sacramental. Mas a cada cristão devoto e crente deve bastar o testemunho da Verdade, que não pode mentir e que afirma: *Isto é o meu corpo*³¹.

32. O pai piedoso, compadecendo-se da sua incredulidade, propôs-lhe: «Se o teu cavalo, que montas frequentemente, adorar o Corpo de Cristo verdadeiramente presente sob a espécie de pão, acreditarás na verdade do Sacramento do Senhor e da Igreja? 33. O herege, ardendo em incredulidade e malícia, disse-lhe: «Durante dois dias privarei o meu cavalo de qualquer alimento e ao terceiro

³¹ Mt 26, 26.

dia apresentá-lo-ei em público. Diante do cavalo esfomeado pôr-se-á aveia dum lado e do outro tu terás as espécies de pão, nas quais afirmas estar o Corpo de Cristo. 34. Se o cavalo, não obstante a fome, deixar a aveia e se prostrar diante do Corpo de Cristo, eu confessarei com a boca e com o coração a verdade do sacramento». 35. O pai santo dá o seu assentimento à proposta do herege, acrescentando: «Se o cavalo ao terceiro dia não fizer a reverência da prostração ao Corpo de Cristo, dever-se-á, não à verdade do sacramento, mas antes aos meus pecados».

36. Fez-se conforme o combinado, e ao cavalo não foi dado nenhum alimento. Ao terceiro dia, o cavalo é apresentado em público, e dum lado é posta a aveia e do outro o bem-aventurado António segura reverentemente um cálice com o penhor da nossa redenção, isto é, o Corpo de Cristo. 37. Na presença duma grande multidão de pessoas, é dada liberdade ao cavalo para ir para onde quiser; e ele, como se fosse dotado de razão, caminhando com passo firme, aproxima-se do Corpo do Senhor e dobra com respeito os joelhos diante do santo que segurava o Corpo de Cristo.

38. Não levantou os joelhos da terra, senão depois de ter obtido permissão do santo.

39. À vista deste milagre, o herege foi libertado das trevas do erro. 40. Envergonhe-se, pois, a incredulidade humana acerca de tão grande sacramento, quando para com ele foi tão reverente um animal privado de razão.

41. António, pondo-se a caminho, *pregava por toda a parte, e o Senhor cooperava com ele, confirmando a sua palavra com os milagres que a acompanhavam*³². 42. Um dia, em Limoges, tendo convocado solenemente o povo para a pregação e sendo tão grande a multidão do povo reunido que qualquer igreja seria acanhada para conter tanta gente, fez reunir o povo num lugar muito espaçoso, onde outrora se levantavam os palácios dos infiéis pagãos, lugar que se chama «Cova das Arenas», onde o povo podia comodamente sentar-se e escutar tranquilo a palavra divina. 43. Reunida

³² Mc 16, 20.

a quase inumerável multidão, começou o homem de Deus a semear as sementes da palavra.

44. Mas, quando o povo prestava diligente atenção às palavras do Santo, eis que subitamente começaram a ouvir-se trovões e a ver-se clarões de fogo e a chuva a cair. 45. Como o povo temesse o temporal e o aguaceiro, e começasse a mover-se do lugar e a inquietar-se, o homem de Deus tranquilizou-o dizendo: «Não tenhais medo nem saiais do lugar, nem deixeis de ouvir a divina palavra, porque eu espero n'Aquele, cuja esperança não confunde, que a chuva agora não vos incomodará».

46. Acalmou o povo com as palavras do homem de Deus. Deus, que encerra as águas nas nuvens, represou-as por cima dele, de tal modo que, chovendo por toda a parte à volta da cidade, depois da promessa do Santo nem uma gota caiu sobre o povo que prestava atenção às divinas palavras. 47. Porque a palavra divina descia do céu sobre eles como chuva espiritual, por isso mesmo os protegeu admiravelmente dos incômodos das chuvas temporais.

48. Quem fez com que a chuva e o orvalho molhassem o velo de Gedeão e toda a terra em volta permanecesse enxuta, foi o mesmo que, a pedido do seu fiel servo Antônio, deixou livre da chuva o lugar em que o povo ouvia a palavra de Deus, enquanto por toda a parte chovia copiosamente, a fim de se tornar mais evidente quer o poder da divina palavra quer a força da oração do Santo.

49. O homem de Deus prosseguiu o sermão enquanto lhe aprouve, e o povo ouviu-o atentamente. 50. Ao levantarem-se depois do sermão e ao verem o terreno totalmente encharcado e o lugar em que tinham estado sem chuva e sem humidade, exaltaram a admirável magnificência de Deus, que é maravilhoso nos seus santos.

51. Ao tempo que entrei na Ordem dos Frades Menores ainda viviam muitos frades que tinham assistido àquele sermão e repetiam o tema sobre o qual o Santo tinha pregado. A sua narração merece crédito em tudo, porque eles davam testemunho daquilo que tinham visto com os seus olhos e ouvido com os seus ouvidos.

52. Quão grande tenha sido o fruto da pregação em diversas partes da terra, poderemos vê-lo claramente, considerando o fruto que ele pôde recolher numa só cidade e no espaço de um só ano.

53. Como aprouvesse ao Senhor terminar a carreira do seu fiel servo Ant3nio, um ano antes da sua feliz morte, a saber em 1230, quando no Capitulo Geral celebrado em Assis se fez a trasladação dos restos do bem-aventurado pai Francisco, o homem de Deus, Ant3nio, 3 desligado de todo o governo dos frades e obt3m plena liberdade de pregar onde quisesse. 54. Devendo coligir os *Serm3es dos Santos* a rogo do senhor Bispo de 3stia — depois que muito tempo antes tinha compilado os *Dominicais* — para realizar este trabalho escolheu o lugar de P3dua, onde anteriormente tinha experimentado a devoção do povo.

55. Enquanto permaneceu a3, consagrando-se assiduamente à pregação, toda a população foi abrasada de t3o forte desejo de o escutar que, vindo ter com ele em grupos, foi necess3rio organizar encontros di3rios nas igrejas. 56. Mas, quando o n3mero de pessoas começou a exceder a capacidade das igrejas, o Santo voltou-se para os campos espaçosos. 57. A3 se reunia o povo com todo o clero; a3 acorria gente das cidades e povoações vizinhas e cada um procurava antecipadamente ocupar um lugar no espaço em que se devia realizar a pregação.

58. Os comerciantes fechavam as lojas e nenhum ousava vender qualquer coisa enquanto n3o acabasse o serm3o. 59. A3 ver-se-iam inimigos mortais fazer a paz,

cativos de longa data recuperar a liberdade,
roubos e usuras serem restitu3dos,
d3vidas e penhores, perdoados,
prostitutas renunciarem à impureza e pr3ticas ign3beis.

60. Cerca do ano do Senhor de 1292, um homem de avançada idade referiu a um Frade Menor que tinha visto o bem-aventurado Ant3nio. 61. E, sendo ladr3o e assaltante e do n3mero dos doze ladr3es que habitavam nas florestas para saquear e despojar os viandantes, todos os doze ladr3es, tendo chegado aos seus ouvidos a fama da pregação do Santo, puseram-se de acordo em assistir à sua pregação num dia determinado, com vestes disfarçadas.

62. N3o podiam acreditar nos que afirmavam que a sua palavra era de tal modo eficaz que parecia arder como a tocha fumegante dum novo Elias.

63. Chegam num dia em que ele pregava e, tendo ouvido durante algum tempo a sua palavra inflamada, começaram a sentir pungente remorso e arrependimento dos seus crimes. 64. Terminado o sermão, confessaram-se dos seus pecados e delitos. Tendo-os o Santo ouvido um a um e imposto a cada um salutar penitência, proibiu-os de voltarem à vida criminosa. Se não voltassem, prometia-lhes os gozos da vida eterna; se voltassem, suplícios inauditos. 65. Contava o mesmo ancião que alguns deles voltaram aos crimes habituais, mas depressa terminaram a vida em espantosos suplícios, como o Santo tinha predito; os que não voltaram permaneceram na paz do Senhor.

66. Àquele ancião o Santo impôs que visitasse por doze vezes os túmulos dos Apóstolos. E na décima segunda vez, ao voltar de Roma, referia, desfeito em lágrimas, a um frade, estes acontecimentos, ao longo do caminho, esperando, segundo a promessa do Santo, as alegrias da vida eterna, após o curso e termo duma vida miserável.

67. Divulgada ainda mais a fama da sua pregação por estes e semelhantes casos, a devoção do povo começou a crescer para com ele de tal modo que cada um procurava tocá-lo, segundo o seu fervor, na ida ou no regresso; muitas vezes correria o risco de ser esmagado pela multidão se não fosse acompanhado dum destemido grupo de jovens. 68. Tão grande era a confiança do povo devoto que, se alguém conseguia cortar-lhe uma tira do hábito, alegrava-se de possuir uma valiosa relíquia. 69. Tão forte era o desejo do povo de ouvir a sua palavra doce, devota e sagrada que, enquanto o servo de Deus falava, dificilmente se ouvia um murmúrio ou ruído numa multidão de trinta mil pessoas ou mais.

70. Porque a língua do Santo espargia por toda a parte as palavras e os juízos da verdade, foi encontrada bela, fresca e rubicunda, como se o seu corpo tivesse sido sepultado há pouco tempo, quando o seu corpo foi trasladado de um lugar para outro, na presença de Frei Boaventura, então Ministro Geral da Ordem e mais tarde eleito cardeal e bispo de Albano pelo senhor Papa Gregório X. 71. Perante este prodígio, Frei Boaventura, exultante, mostrou a

língua às pessoas presentes, exclamando que a língua fresca significava que o homem de Deus tinha pregado a verdade imortal.

72. Oh! feliz pregador,
que ensinou com a palavra e o exemplo, sem distinção de
pessoas;
para confirmar a sua pregação,
Francisco apareceu à vista;
também os seres irracionais lhe obedecem;
as nuvens, que num lugar destilam a chuva, noutra não a
deixam cair;
pela sua pregação abrandam os corações duríssimos dos
pecadores
e a língua dele, morto, rende testemunho à verdade.

CAPÍTULO IX

Do seu feliz passamento e da sua inscrição no catálogo dos Santos

1. O bem-aventurado António, prestes a partir deste mundo para o Pai e desejoso de morrer para viver com Cristo, previu o dia da sua morte. 2. Que tenha tido conhecimento prévio da sua morte e tenha previsto a sua glorificação no céu, pode deduzir-se seguramente do facto seguinte. Um dia, contemplando do alto duma colina a posição da cidade de Pádua e a sua planície, na presença do companheiro de viagem, exultando em espírito, começou a enaltecê-la com grandes louvores e afirmou que dentro em breve seria engrandecida com uma honra excepcional. 3. O que ele mesmo entendeu acerca da sua morte e feliz trânsito, porque, em razão de penhor tão nobre, é visitada por uma multidão de pessoas e honrada com ininterruptos e brilhantes milagres.

4. Como o povo devia estar ocupado em recolher os produtos da terra, o Santo resolveu interromper a pregação por algum tempo. 5. Retirou-se por breve tempo da agitação da cidade 6. e refu-

giou-se num lugar próximo da mesma, onde os frades tinham o seu convento, que se chama Camposampiero, que, como porteiro, lhe devia abrir muito brevemente a porta do céu.. 7. Aí lhe foi preparada uma cela em lugar alto, para estar próximo do céu, aonde a sua alma devia subir muito em breve para morar nas alturas entre os cidadãos angélicos.

8. Enquanto se entregava à contemplação nesse lugar e, com a mente devota, percorria com meditações contínuas e arrebatamentos os coros celestes, as jerarquias e ordens angélicas, um dia, descendo à hora da refeição para junto dos frades, começou a sentir-se subitamente muito doente. 9. Como a doença se agravasse cada vez mais, para não se tornar pesado aos frades pobres daquele lugarejo, pediu para ser transportado para Pádua. 10. Os frades, ainda que contra vontade, põem-no num carro e, com prantos e lamentos, deixam partir o bem-aventurado António.

11. Quando já não distava muito da cidade, por conselho prudente dum frade que se tinha posto a caminho para o visitar, renunciando, com receio do tumulto das gentes, a dirigir-se ao convento dos frades, que moravam na cidade, foi desviado para a habitação dos frades que assistiam com os serviços religiosos as Senhoras Pobres, a saber, as irmãs de Santa Clara. 12. Aí, enquanto o homem de Deus, debilitado no corpo, mas fortíssimo no ânimo, descansava, a enfermidade começou a agravar-se, e o Santo, por sinais evidentes, aproximava-se do seu desejado e glorioso fim.

13. Depois de se ter confessado e recebido a comunhão do sagrado Corpo do Senhor, a fim de aquele sacro viático ser o caminho do santo viandante António, começou a recitar devotamente à sua bendita Senhora o hino

«*Oh! Senhora...*»

e a invocar a ajuda daquela Senhora que está acima das estrelas, para que ela, fulgente porta e entrada do céu, lhe patenteasse o ingresso.

14. Ó feliz e devoto fervoroso da Virgem,
que foste educado na igreja a ela consagrada,
que foste libertado, pela sua protecção, das mãos
do demónio,

agora, sob a sua direcção,
és levado aos prémios eternos do céu!

15. Elevando os olhos ao alto, fixou-os directamente durante algum tempo. 16. Enquanto olhava extasiadamente para o céu, interrogado pelos frades próximos sobre o que via e contemplava, respondeu: «*Vejo o meu Senhor!*». 17. Ó feliz servidor de Cristo, que, ainda vivo de corpo, tiveste a dita de ver o Senhor! Graças a esta visão, podia dizer: *Morrerei feliz, porque vi o teu rosto.*

18. *Ele viu o Senhor face a face, e a sua alma foi salva*³³.

19. Podia estar seguro do reino dos céus aquele que o Senhor do reino convidava para o banquete real.

20. Tendo recebido devotamente a Santa Unção e cantado os Salmos Penitenciais como concidadão dos habitantes do céu, ao terminar estas orações, semelhante a quem repousa serenamente, adormeceu no Senhor. A sua santíssima alma, liberta do corpo e tendo Jesus como guia seguro, foi recebida na alegria do seu Senhor³⁴. 21. Morreu numa sexta-feira, querendo conformar-se na morte, como quisera conformar-se na vida, à Paixão do Senhor até suspirar pelo martírio. 22. Passou deste exílio para as mansões celestes e etéreas no ano do Senhor de 1231.

23. Oh! como foi carregado o luto dos frades presentes, profundas as lamentações das Senhoras Pobres ao ouvirem tão nefasta notícia!

24. Porque, se é justo alegrar-se da entrada de António nos reinos celestes, também é justo chorar a partida de António, que dissuadia os pecadores das suas maldades.

25. Decidiram os frades não anunciar imediatamente a morte do homem santo, porque, conscientes da devoção que o povo lhe tinha, receavam ser molestados e mesmo esmagados por uma grande multidão. 26. Mas aquilo que os frades quiseram esconder aprouve a Deus revelar de modo admirável. 27. Pois, ignorando

³³ Gn 32, 31.

³⁴ Mt 25,21.

todos o seu óbito, com excepção dos que estavam presentes, subitamente grupos de meninos inocentes, correndo pelos bairros da cidade, cantavam em alta voz: *Morreu o padre santo! Morreu S. António!*

28. Aquele que, ao entrar na Jerusalém terrestre fez sair um louvor da boca das crianças, esse mesmo fez falar a boca de meninos inocentes para anunciar a morte do bem-aventurado António no momento em que entrava na Jerusalém celeste.

29. Aos gritos dos meninos, toda a cidade se agitou e rapidamente se reuniu inumerável multidão junto da morada dos frades, onde se encontrava o sagrado corpo de António. 30. Sendo o lugar próximo de Capo di Ponte, logo acorrem homens armados, que estabelecem solícita vigilância para que ninguém rapte o seu corpo. 31. Mas, porque o homem santo dispusera que seria sepultado junto dos frades que moravam na igreja da Virgem Santa Maria, toda a restante parte da cidade se opôs por unanimidade aos habitantes de Capo di Ponte.

32. Pela meia noite aconteceu um facto maravilhoso, que não deve ser passado em silêncio. 33. Com efeito, quando à meia noite se ouviram gritos do povo, que desejava ver o corpo do Santo, arrombaram por três vezes a habitação dos frades. 34. Mas, estupefactos, e atingidos de cegueira, nem uma só vez puderam entrar, apesar de as entradas estarem escancaradas.

35. Por quatro dias se agita a contenda e o sagrado corpo, por sepultar, é guardado diligentemente. 36. Ao quarto dia, o Bispo da cidade determina que o corpo sagrado seja sepultado no lugar dos frades que moram na igreja da Santa Virgem.

37. Mas, para que os habitantes de Capo di Ponte não pudessem contrariar a decisão, a autoridade municipal mandou construir uma ponte de barcas através do rio. Com efeito, se o sagrado corpo fosse transportado pela ponte de pedra, aqueles habitantes podiam obstar ao cortejo fúnebre quando vissem que os sagrados despojos eram transportados pelo seu território contra a vontade deles.

38. Mas, apenas feita a ponte de barcas, imediatamente os referidos habitantes de Capo di Ponte irrompem e com grande violência a destroem; estão dispostos a correr todos os perigos de bens e pessoas se o sagrado corpo for dali retirado.

39. Então os frades, apavorados, vendo que uma catástrofe estava iminente sobre toda a cidade, começaram a invocar a clemência de Deus para que acalmasse aquele tumulto. 40. Mas Aquelle que, para honra do Santo, tinha permitido esta agitação, a fim de que de tal desordem ficasse demonstrada a devoção do povo, não a um cadáver mas a uma pedra preciosa, esse mesmo acalmou o tumulto e comutou as disposições daqueles cidadãos. 41. Afastados para a parte oposta da cidade por ordem da autoridade, deixaram de ser factor de estorvo.

42. Serenado o tumulto e acalmada a agitação do povo, o Bispo com todo o clero, a autoridade da cidade com os magnates e uma multidão incontável de povo, encaminham-se em ordenada procissão e transportam o sagrado corpo, ao quinto dia da sua morte, cantando hinos e louvores, para junto dos frades, que viviam na igreja da Virgem Santa Maria. 43. Não obstante a inclemência do calor estival, não se exalava do seu corpo sagrado nenhum mau cheiro, mas emanava como que um odor de aromas e também de perfumes, de tal sorte que todos corriam atrás da sua fragrância. 44. O sagrado corpo foi, pois, sepultado com veneração na igreja da Virgem bendita.

45. Com razão devia ser sepultado na igreja da Virgem
aquele que em menino
tinha aprendido na igreja a ela dedicada
os primeiros elementos da sabedoria
e que foi libertado pelo seu poder
de ser estrangulado pelo demónio,
enquanto se ocupava na sagrada pregação
e em ouvir confissões;
e que, ao morrer, invocou o auxílio da gloriosa Senhora,
para que lhe abrisse a porta do céu
e para que repousasse na igreja da Virgem
o corpo daquele
cuja alma já lhe estava unida nos céus.

46; Nesse mesmo dia começaram a estalar imediatamente os milagres, de tal modo que todos os enfermos que tocassem o seu

ataúde recebiam sem demora a cura desejada. 47. Os que não podiam tocar o seu ataúde por causa da multidão ficavam curados na presença de todos, no meio da praça. 48. Com estes prodígios ateia-se uma indizível devoção do povo e os primeiros a chegar são os habitantes de Capo di Ponte, todos descalços, e com tanta humildade confessam a sua culpa que os assistentes se sentem despertados para a compaixão e para uma profunda devoção. 49. Multiplicando-se os extraordinários prodígios, tanto o Bispo como o clero como também as várias comunidades de religiosos, os mestres com os estudantes e outros professores de diversos ofícios e artes vêm, em dias determinados, ao túmulo do Santo, trazendo tochas de grandes dimensões. 50. Quando não podiam entrar na igreja, deixavam-nas de fora, ao alto, na praça.

51. A fama chega mais longe e convida as populações das diversas cidades e regiões a visitar o túmulo do Santo. 52. Todos exclamam concordemente que se procure com diligência a canonização do Santo e que, com esta intenção, sejam enviados à Cúria delegados notáveis e famosos. 53. Os enviados foram recebidos benevolmente pelo Sumo Pontífice; tanto o Papa como os cardeais ficaram atônitos e assombrados com a narração de tantos e tão espantosos milagres. 54. Confia-se o exame dos milagres ao Bispo de Pádua e aos priores de S. Bento e dos Pregadores da mesma cidade. 55. Após um exame rigoroso, os delegados voltam jubilosos com os depoimentos. 56. Também dois cardeais da Igreja Romana, mandados em delegação àqueles lugares, atestaram por carta sua tudo quanto vieram a conhecer de certeza absoluta acerca do bem-aventurado António. 57. Determinado um novo exame aos milagres, foi levado a bom termo consciente e rapidamente, de tal modo que quem se opusesse a milagres tão evidentes parecia contradizer a verdade. Estando agora o processo nas mãos do Sumo Pontífice, alguns cardeais procuravam entravá-lo, dizendo que em matéria de tal importância não se devia proceder com precipitação. Entre eles havia um opositor principal.

58. Mas, enquanto este opositor procurava protelar o andamento do processo, uma visão celeste fê-lo mudar de atitude.

59. Viu em sonhos o Sumo Pontífice ocupado a consagrar uma igreja e ele mesmo com alguns outros servindo o Sumo Pontífice

na cerimónia da consagração. 60. Como o Sumo Pontífice, no seguimento da cerimónia, chegasse ao momento de colocar as relíquias no altar e as pedisse, os assistentes não as encontraram. Em vista disto, o Sumo Pontífice pediu que lhe dessem as relíquias de um cadáver recente, que ali estava à vista.

61. Tendo os assistentes respondido que aquilo não eram relíquias, o Sumo Pontífice mandou que descobrissem o cadáver. Tendo-o feito, encontraram relíquias tão valiosas que cada um procurava ser o primeiro a tirá-las. 62. Levantando-se de manhã, encontrou os delegados de Pádua aguardando à porta e compreendeu tratar-se duma visão celeste referente à canonização de Santo António. Em consequência, deu o seu consentimento à canonização do Santo e tornou-se o seu principal defensor e promotor.

63. No dia determinado, preside à cerimónia o Senhor Papa Gregório IX, solenemente paramentado e adornado, como convinha, rodeado do ilustre colégio dos cardeais, de muitos prelados de diversas partes do mundo, então reunidos na Cúria. 64. Lidos os milagres na presença de todos e por todos aprovados, o Sumo Pontífice, levantando as mãos para o céu e invocando devotamente o nome da Santíssima Trindade, inscreveu o bem-aventurado sacerdote de Cristo, António, no catálogo dos santos e mandou que a sua festa fosse celebrada no dia da morte, a saber, no dia 13 de Junho.

65. A todos aqueles que estivessem verdadeiramente arrependidos e confessados, visitassem o seu túmulo no dia da festa e durante os oito dias seguintes, concedeu um ano de indulgência da penitência imposta. 66. Estas celebrações realizaram-se em Espoleto, no dia santo do Pentecostes, no ano da Encarnação do Senhor de 1232, ano sexto do pontificado do Senhor Papa Gregório IX.

67. Exulta, pois, ó feliz Pádua,
tu que possuis um tesouro, que uma visão mostrou
seres digna de ter como túmulo um altar!
68. Exulta tu também, ó feliz António,
que, desprezando sinceramente o mundo,
primeiramente te instruístes
sob a Regra do bem-aventurado Agostinho;

que, finalmente, para poderes chegar à palma do martírio,
quiseste vestir a túnica e cingir-te
com o cordão do pobre Francisco.

69. Tu que foste levado ao termo duma morte santa,
pela humildade e pela pobreza,
pela oração profunda e pelo verdadeiro anúncio da palavra;
tu, a quem Cristo apareceu na hora da morte,
para te conduzir ao palácio do rei e reinares eternamente,

70. aonde Cristo nos conduza, a nós teus filhos exilados, pela
tua intercessão, Ele que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo
pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO X

Milagres realizados depois da morte do bem-aventurado António

1. Querendo acrescentar a este opúsculo, para glória de Deus onipotente, alguns milagres aprovados e recolhidos depois da morte de Santo António, dispu-los sob títulos apropriados, para que mais facilmente alguém possa encontrá-los.

2. Os milagres recolhidos depois da morte do homem de Deus são distribuídos por 4 capítulos: no primeiro, vêm os milagres referentes às pessoas curadas de várias enfermidades; no segundo, as curas dos cegos, surdos e mudos; no terceiro, as pessoas salvas de naufrágios e afogamentos; no quarto, dos desprezadores do Santo.

I — PESSOAS CURADAS DE VÁRIAS ENFERMIDADES

3. Depois da morte do homem de Deus, começaram a brilhar variados milagres, que eu quis resumidamente ajuntar a este opúsculo e referir sinteticamente, como puder, aqueles que tiveram a aprovação do Sumo Pontífice. 4. Entre estes, encontram-se dezanove entrevados, endireitados; cinco paralíticos, consolidados; e outros tantos corcundas, curados das suas bossas; dois livres de

epilepsia; outros dois de febres; ainda dois mortos, maravilhosamente ressuscitados.

5. Porque os frades que moravam ali descuidaram recolher os milagres, por causa da sua frequência, no ano do Senhor de 1293 Frei Pedro Raymond de Saint Romain, enquanto foi Leitor em Pádua, e que depois foi eleito Ministro da Província da Aquitânia, recolheu alguns milagres, por causa da devoção ao Santo, e com testemunhas fidedignas fê-los aprovar solenemente diante do Bispo. Alguns destes são registados aqui em conformidade com a sua natureza.

6. Um frade da província da Romagna, de nome Câmbio, sofria duma hérnia tão grande que nem a arte dos médicos nem uma cinta de ferro, que por causa da sua enfermidade costumava trazer frequentemente, conseguiam impedir que os intestinos caíssem horrivelmente. 7. Desejava ir a Bolonha consultar um famoso médico que aí vivia, a fim de encontrar remédio para o seu mal.

8. Aconteceu que vindo a Pádua por ocasião da festa do bem-aventurado António, a pedido de um frade, de nome Francisco, permaneceu alguns dias na cidade.

9. Câmbio estava tão atormentado com o peso dos intestinos salientes que, tendo-se dirigido na mesma ocasião, antes da referida festa de Santo António, ao convento de Vicência, na companhia de um frade, e tendo este caído aí enfermo, ficou impossibilitado de lhe fazer a cama e ministrar os cuidados necessários. 10. Pelo que, aos frades daquele convento, admirados de o verem negligenciar os serviços ao companheiro enfermo, mostrou-lhes, através da túnica, a massa dos intestinos caídos. À vista disto, os frades, não sem razão, o tiveram por desculpado.

11. Tendo, pois, voltado ao convento de Pádua e tendo chegado a festa de Santo António, viu uma grande multidão de enfermos a aproximar-se do túmulo de Santo António e a recuperar a desejada saúde. Inflamado em devoção e concebendo a esperança certa de recobrar a saúde, não podendo colocar-se entre as colunas do túmulo por causa da multidão, tocou-o com a mão direita, apoiando-a com cuidado e força. 12. Logo colocando sobre o ventre a mão que tinha estado em contacto com o sagrado túmulo e

tocando com fé, os intestinos caídos voltaram ao seu lugar. 13. Vendo isto, o frade, confiando ardentemente na ajuda de Santo António, comprimiu fortemente com a mão a ampla abertura da hérnia.

14. Coisa admirável de dizer! Após este gesto, aquela rotura fechou-se e consolidou-se de tal maneira que, conforme referiu Frei Câmbio a muitos ouvintes, dificilmente na sua frente haveria parte mais sólida do que era o lugar da abertura, pela qual se deram antes os intestinos. 15. Por isso, depois, dançando e saltando, dizia: 'Ainda não há muito tempo não podia fazer isto. Agora danço, salto, graças à ajuda de S. António». 16. Por esta razão, para poder servir o Santo com maior devoção, procurou filiar-se naquela província franciscana.

17. No mesmo ano, o já mencionado Frei Pedro recolheu o milagre seguinte: Uma senhora, de nome Beatriz, pertencente à diocese de Forlì, padecia, havia dez anos, de doença perigosa e ignominiosa, cujo nome é «nata», um tumor do tamanho de um punho e mais. Tinha-o tão arraigado no crânio que não pudera ser extirpado com nenhum tratamento da medicina. 18. Muitos médicos famosos a tiveram ao seu cuidado, mas nenhum remédio deles se mostrou eficaz.

19. Tendo conhecimento de que os referidos milagres de Santo António se tinham divulgado recentemente pela Itália, começou a pôr uma grande esperança no socorro do Santo e a inflamar-se intensamente em amor e devoção para com ele. 20. Piedosamente, fez o voto de rodear o seu túmulo com um fio de prata se o Santo António lhe alcançasse a saúde.

21. Na mesma noite, enquanto dormia, o Santo António apareceu-lhe em sonhos e, como lhe parecia ver, dividiu em quatro partes aquele tumor sem qualquer dor e com uma sensação de bem-estar muito agradável. Foi-lhe restituída a saúde e a senhora, em sonhos, a todos dava parte da sua visão. 22. Desapareceu a visão, mas não a força e a eficácia da cura.

23. Com efeito, pouco tempo depois, conforme a visão tinha mostrado, aquela horrível intumescência dividiu-se em quatro partes e, expelindo grande quantidade de pus, deixou sã e lisa a

cabeça da senhora, que proclamava as maravilhas de S. António.
24. Vindo a Pádua, rodeou o túmulo do Santo dum fio de prata, conforme tinha prometido.

II — CURA DE CEGOS, SURDOS E MUDOS

25. Entre os milagres aprovados na presença do Sumo Pontífice, encontramos seis cegos que recuperam a vista; três surdos, o ouvido; e igual número de mudos, a fala. 26. Na lista dos milagres recolhidos pelo referido Frei Pedro, enquanto foi Leitor em Pádua, há casos de surdos que passaram a ouvir e mudos, a falar.

27. Um frade chamado Bernardino, natural de Parma, havia dois meses que ficara mudo. 28. Tão grande era a debilidade da sua respiração, por causa da enfermidade, que não era capaz de apagar com o sopro uma vela colocada próxima da boca. 29. Nem sequer os médicos mais famosos da Lombardia tinham conseguido encontrar qualquer remédio para o seu mal; com efeito, por nove vezes um ferro incandescente tinha sido introduzido na garganta e uma vez na cabeça, não tendo sentido quaisquer melhoras. 30. Pelo contrário quantos mais remédios receitados tomava, tanto mais se agravava a enfermidade, pelo que o frade permanecia em constante perigo de morrer sufocado.

31. Recordando-se finalmente dos milagres do santo confessor de Cristo, António, cuja solenidade se aproximava, porque não podia falar, escreveu ao Ministro da Província de Santo António para que lhe concedesse autorização de vir a Pádua. 32. Pois a sua doença era conhecida, o Ministro receoso, por um lado, e confiado, por outro, nos méritos de Santo António, permitiu-lhe que viesse.

33. Chegando a Pádua e aproximando-se com devoção do sarcófago, começou, ainda mudo, a respirar e a cuspir. 34. Prosseguindo insistentemente a oração com muitos frades e a multidão dos fiéis que estavam presentes tanto por motivo da festa como dos milagres, o doente, depois de expelir uma grande quantidade de pus, recuperou finalmente a saúde e o uso da fala.

35. Irrompndo em louvores ao Santo, entoou a antífona da bem-aventurada Virgem: *Salve, rainha de misericórdia*. O Ministro, o Leitor e os restantes frades acorreram à notícia do milagre e com devoção e alegria de espírito terminaram a antífona começada por Frei Bernardino, que cantava juntamente com eles, já completamente curado e exultante de alegria pelo milagre realizado em seu favor.

36. O milagre seguinte foi recolhido pelo mencionado Frei Pedro, enquanto foi Leitor em Pádua. 37. Um converso de vinte e cinco anos de idade, ao serviço dumas freiras de Pádua, bem conhecido na cidade e arredores, era surdo e mudo desde o nascimento. 38. Facilmente se notava que era mudo, pois a sua língua era demasiado curta e pouco sobressaía da garganta; além de pequena, era retorcida como uma vide; para quem a visse, tinha a aparência de seca e rugosa, como muitas matronas fidedignas, que tinham observado o caso, o referiram claramente ao Bispo de Pádua.

39. Igualmente se podia observar que era surdo, porque não era capaz de ouvir o som de não pequenas campainhas próximas do ouvido; enquanto não as visse, não dava sinais de ouvir o som, nem com o movimento da cabeça nem de qualquer outro modo. Isto mesmo testemunharam os seus companheiros com juramento e tocando os santos Evangelhos na presença do mencionado Bispo.

40. Uma visão espiritual o moveu por duas vezes a recorrer ao favor do bem-aventurado Antónimo. Ele, como homem rude que era, incapaz de compreender o significado de tal visão, procurou o bem-aventurado Antónimo, primeiramente pela casa, depois pelas praças da cidade; 41. Finalmente, movido pela terceira vez, de modo semelhante, pela mesma visão, chegou à igreja do bem-aventurado Antónimo e passou aí a noite com toda a devoção de que foi capaz; e, prolongando a noite pelo dia em devota oração, pedia com todo o ardor do coração o dom da cura.

42. Depois das três horas da tarde, confortado subitamente por uma força divina e, com o corpo inundado de abundante suor, começou a sentir calafrios, tanto na cabeça como nos membros.

43. Que mais? Tendo a língua rapidamente assumido a dimensão

normal, logo recebeu a faculdade de falar e de ouvir. 44. A boca imediatamente se abriu e começou a falar, dizendo: «Seja bendito Nosso Senhor Jesus Cristo e o bem-aventurado Ant3nio».

45. Mas, para ser mais evidente a certeza do milagre, falava uma l3ngua nova, plenamente intelig3vel, mas n3o abrangida por qualquer idioma conhecido. 46. N3o sabia sen3o alguns voc3bulos, necess3rios para poder comunicar e que lhe foram inspirados por Deus. 47. Dizia coisas que n3o tinha aprendido dos homens, com admira3o de todos aqueles que o viram surdo e mudo desde o nascimento.

48. As monjas, a quem pertencia o converso, e que costumavam dizer: «Se o bem-aventurado Ant3nio desse ao nosso mudo a fala e o ouvido, os seus prod3gios tornar-se-iam mais manifestos», ao v3-lo falar e ouvir, exaltavam as maravilhas do bem-aventurado Ant3nio. 49. 3 not3cia deste milagre, ajuntou-se uma multid3o de pessoas de ambos os sexos que, em aten3o ao milagre, decidiu, desde ent3o, que se chamasse Ant3nio o jovem que antes tinha o nome de Pedro.

50. N3o quero passar em sil3ncio outro milagre que recebi duma rela3o segura de Frei Pedro de Pomarada, que o tinha ouvido contar no convento de P3dua ao Leitor que ent3o a3 morava e do qual fora testemunha ocular, como seguramente afirmava.

51. Perto de P3dua, um homem, querendo conhecer certos segredos mediante a interven3o dos dem3nios, uma noite p3s-se no c3rculo de encantamento na companhia de um cl3rigo, que por artes m3gicas sabia invocar os dem3nios. 52. Estando, pois, dentro do c3rculo, o dito cl3rigo com a sua arte m3gica come3ou a invocar os dem3nios. Estes vieram com grande estr3pito e alarido e precipitaram-se violentamente sobre aquele homem aterrorizado e tr3mulo, que nada sabia responder-lhes; arrancaram-lhe a l3ngua e tamb3m lhe tiraram os olhos.

53. Maltratado assim pelos dem3nios, retirou-se acompanhado dum guia. 54. Quando abriu a boca, n3o se viu nenhum vest3gio da l3ngua, e no lugar, onde antes estiveram os olhos, apareciam grandes e profundas cavidades. 55. Neste lastimoso estado, levou deploravelmente, durante algum tempo, uma vida miser3vel.

56. Finalmente, com o coração retalhado de dor insofrível, porque nem sequer lhe era possível confessar o seu pecado e encontrar remédio eficaz para o seu mal, começou a recordar os prodígios que o poder de Deus costumava operar por intermédio do seu servo António. 57. Com ânimo devoto, aquele homem começou a implorar a ajuda do bem-aventurado António, fez-se transportar à sua igreja, na qual foi assíduo muitos dias e passou muitas noites. 58. Um dia, enquanto o coro dos frades cantava com muita devoção o «Bendito seja o que vem em nome do Senhor» e o sacerdote na missa elevava o Corpo do Senhor, foram-lhe dados novos olhos e começou a mostrar alegremente, com gestos e sinais, que via.

59. À notícia deste milagre, congrega-se uma grande multidão de fiéis, que se puseram a orar e a suplicar para que Aquele que, pelos méritos e invocação do bem-aventurado António, lhe tinha dado a vista, lhe desse também a língua para poder proclamar a todos os portentos do bem-aventurado António. 60. Quando o coro dos frades cantava o «Cordeiro de Deus» e terminava o «dai-nos a paz», Aquele que abre os olhos aos cegos e dá a língua aos mudos, restituiu-lhe a língua e a palavra. 61. Logo se lhe abriu a boca e exclamou: «Bendito o Senhor Deus de Israel que, por intercessão do bem-aventurado António me restituiu os olhos e a vista, a língua e a fala.

III – SALVOS DE NAUFRÁGIO E DE AFOGAMENTO

62. Entre os milagres aprovados solenemente na presença do Sumo Pontífice, contam-se alguns casos de pessoas que foram salvas do perigo de afogamento. 63. Com efeito, uma senhora, que tinha caído a um rio, invocou S. António; enquanto aqueles que a tiraram ficaram completamente molhados, só ela ficou com o corpo e os vestidos enxutos.

64. Um grupo de pessoas, debatendo-se desesperadamente com um naufrágio no mar, depois de se terem confessado, fizeram um voto ao bem-aventurado António. 65. Logo foram conduzidos ao porto de salvação precedidos de um raio de luz. 66. Não nos

admiramos de António se manifestar sob um raio de luz, ele que em vida se mostrou todo radioso. 67. Por motivo deste milagre, canta-se em seu louvor:

*Aos marinheiros em naufrágio
foi sinal de salvação,
para eles, sob um raio de luz,
foi guia na viagem.*

68. No ano já referido, o mencionado Frei Pedro, ao tempo Leitor em Pádua, recolheu um milagre semelhante a este. 69. Um menino de vinte meses, de nome Tomasino, cujos pais moravam perto da igreja do bem-aventurado António, foi deixado imprudentemente por sua mãe junto duma vasilha cheia de água. 70. Pondo-se a fazer na água jogos infantis, talvez por ver aí reflectida a sua imagem e por desejar segui-la, caiu na dita vasilha, com a cabeça para o fundo e os pés para cima. 71. Como era pequerrucho e não podia valer-se, afogou-se imediatamente na água da vasilha.

72. Decorrido algum tempo, a mãe, acabados os seus trabalhos e vendo os pés do menino um pouco salientes por cima da vasilha, correu com prantos e gritos e aflitivamente tirou o menino da água. 73. Porque já estava morto e afogado, encontrou-o completamente rígido e frio. 74. À vista disto, gemendo e chorando, pôs em reboição toda a vizinhança com os seus clamores.

75. Acorreram ao lugar muitas pessoas, entre os quais alguns dos Frades Menores com os operários que naquele tempo procediam a reparações na igreja de S. António. 76. Vendo o menino na verdade morto, compartilharam os sofrimentos e prantos da mãe e retiraram-se como que feridos com a espada da tristeza. 77. Mas a mãe, ainda que interiormente a dor lhe cortasse o coração, começou a reflectir sobre os admiráveis prodígios do bem-aventurado António e invocou a sua ajuda para dar vida ao seu filho morto.

78. Fez um voto de dar aos pobres o peso do menino em trigo, se o bem-aventurado António o ressuscitasse. 79. Como desde a tarde até à meia noite o menino continuasse morto e a mãe continuamente invocasse o auxílio do bem-aventurado António, reno-

vando frequentemente o voto, então — coisa admirável de dizer! — o menino morto reviveu com plena saúde.

80. Conforme ouvi contar a Frei Pedro Raymond, uma mulher foi libertada do desespero e do perigo de afogamento pela invocação do bem-aventurado António. 81. Com efeito, na província de Portugal havia uma mulher que era frequentemente atormentada pelo demónio. Um dia, o marido, encolerizado, atirou-lhe injuriosamente à cara que ela era possessa do demónio. 82. Não podendo suportar aquela afronta, a mulher afastou-se com a intenção de se atirar a um rio.

83. Sendo o dia da festa do bem-aventurado António, e tendo de passar em frente da igreja dos frades, ao dirigir-se apressadamente para o rio em que tencionava afogar-se, pensou entrar na igreja e rezar a Deus para morrer em seguida. 84. Entrando na igreja, adormeceu na oração. O bem-aventurado António apareceu e disse-lhe: «Levanta-te, mulher, e guarda esta cédula com cuidado; por ela serás livre dos tormentos do demónio».

85. A mulher levantou-se e — coisa admirável de dizer! — viu que tinha na mão uma cédula na qual estava escrito: «*Eis que o Leão da tribo de Judá, a vergôntea de David, saiu vencedor; terá o poder de abrir o livro e desatar os selos*»³⁵. 86. Como a mulher sabia que não tinha levado consigo nenhuma cédula, e via na mão aquela cédula que lhe tinha sido dada pelo bem-aventurado António, confiando na libertação prometida, voltou atrás. Desde então, enquanto conservou a cédula, o demónio não voltou a atormentá-la.

87. O marido, desconhecedor destes factos, perguntou-lhe como tinha sido liberta dos tormentos do demónio. 88. Ela lhe contou de que maneira. Então o marido, querendo divulgar o milagre, referiu o caso ao rei de Portugal. Este pediu a cédula e o homem entregou-lha. O rei não quis devolvê-la e então o diabo, como era seu costume, voltou a atormentar a mulher. 89. O marido, compadecido da mulher, como não pudesse reaver a cédula, por intermédio dos Frades Menores conseguiu do rei uma cópia da

³⁵ Ap 5,5.

mesma, e esta, do mesmo modo que a cédula original, libertou a mulher dos ataques do demónio.

IV — ZOMBADORES DOS SANTOS

90. Um cavaleiro, herege desde tenra idade, estando sentado à mesa, ouvia os comensais falarem dos milagres do homem santo.

91. Então atirou do alto ao chão um copo de vidro, que tinha na mão, e em tom zombador disse: «Se António conservar este copo inteiro, acreditarei que ele é santo». 92. Tendo-o arremessado contra a pedra ficou surpreendentemente intacto. Então abjurou os seus erros e começou a crer em Cristo com verdadeira fé.

93. Não é para admirar que António, glorificado nos céus, tenha conservado intacto um copo de vidro, ele que, enquanto vivia neste mundo, consertou um objecto de vidro estilhaçado. 94. Por isso, no hino se canta em seu louvor:

*A luz da fé converte o herege,
enquanto do alto é arremessado
um copo de vidro frágil
que não se parte.*

95. Um clérigo, que tinha zombado do inquerito sobre os milagres, é ferido de sofrimento atroz. Restabelecido, finalmente, depois de ter feito uma promessa ao bem-aventurado António, torna-se defensor da sua santidade, em que foi instruído pela experiência pessoal. 96. Pelo que, para seu louvor, se canta no hino:

Cai doente um clérigo
escarnecedor dos prodígios da luz divina;
curado, depois de ter feito um voto,
torna-se testemunha pública do santo.

97. No sepulcro do homem de Deus
brilham e se repetem
tão célebres e constantes milagres
que, pelo seu esplendor e frequência,
fica provado com maior evidência

de quanta glória é coroado no céu
aquele que na terra é honrado
com tão repetidos e ilustres prodígios.

CAPÍTULO XI

EPÍLOGO

1. Recebe, pois, ó santíssimo pai, António, este modesto trabalho do teu servo pobrezinho. Tu que estás na presença do Rei das luzes, torna-te advogado propício dos teus irmãos que ainda labutam neste exílio miserável. 2. Com Francisco, pai dos pobres, consegue que partilhemos a tua companhia e a do Santo pai. 3. Isto nos conceda, por intercessão de ambos, Cristo, pai dos pobres, rei piedoso, que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

TERMINA A VIDA DE SANTO ANTÓNIO